



# QUE A PAZ PREVALEÇA SOBRE A TERRA

*Caros irmãos e irmãs,*

Aos 19 de abril de 1995 uma bomba explodiu no centro de Oklahoma City (USA), matando dezenas de pessoas e ferindo centenas. «A autobomba... conscientizou-nos desta terrível realidade: a América do Norte gerou um novo tipo de monstro político, um monstro dotado de ódio tão venenoso que somente com tamanhas dimensões pode satisfazê-lo» (Time International, 01.05.1995). A mais rica e poderosa nação do mundo passou por uma experiência de prostração e de raiva diante da insensata violência contra seus próprios concidadãos. O que as demais nações tiveram que sofrer durante decênios tornou-se presente também na sociedade americana. Ninguém se encontra imune.



Apareceu um lobo grandíssimo, terrível e feroz... devorava os animais como os homens...



.. todos andavam armados quando saíam da cidade, como se fossem para um combate...

## ⇒ Quem pode libertar-nos?

1.1 O terrível medo que está torturando nossas modernas cidades fundamenta-se no fato que, apesar das atuais técnicas de vigilância da polícia, apesar da disponibilidade existente de forças militares e do poder atômico, nossas cidades não conseguem defender-se do ódio irracional de um indivíduo ou de um grupo. Quer se trate de uma bomba em Oklahoma City ou de gás venenoso em Tóquio, percebemos que somos vulneráveis e sem defesas. E nós reagimos: isolamo-nos nos momentos de medo, construímos barricadas, apelamos agressivamente à violência. Mas estas não são as soluções. Ao contrário, elas demonstram que somos reféns da violência.

1.2 Trata-se do mesmo medo que Francisco sentiu em Gúbio: «... os cidadãos estavam tomados de grande medo... e todos andavam armados quando saíam da cidade, como se fossem para um combate...» (Fioretti, XXI).

1.3 Com grande simplicidade os *Fioretti* anunciam a libertação de Gúbio: «.. e fazendo o sinal da santa cruz, saiu da cidade com os seus companheiro, pondo toda a sua confiança em Deus» (idem). A confiança em Deus de Francisco alicerça-se na Cruz e na Fraternidade: estes devem ser instrumentos de libertação.

## ⇒ Cruz e fraternidade

2.1 Os Evangelhos nos transmitem impressionantes descrições referentes a Cristo que enfrenta e expulsa o demônio da violência da vida dos homens. Um dos fatos mais dramáticos é o ocorreu na região dos Gerasenos. Cristo venceu a alienação e o sofrimento que afligiram o homem acorrentado ao demônio da violência, colocando-o em situação de sereno autodomínio. É interessante observar como os habitantes de Gúbio manifestaram diferentes sentimentos quanto ao fato presenciado. Tiveram medo do poder de Cristo. Temiam talvez que seus próprios demônios pudessem ser afrontados?

2.2 Somente uma vez Cristo recorreu a uma ação violenta, i. é, quando derrubou as mesas dos cambistas e expulsou-os do templo. Esta não é uma atitude habitual de Cristo. Que deseja ensinar-nos com semelhante atitude? Quis, por acaso, demonstrar sua profunda indignação contra a injustiça, especialmente quando feita em nome da religião? É importante observar que Cristo não repete este gesto agressivo mas segue o caminho que o conduzirá ao calvário. Cristo comunica a sua paz mediante o sangue de sua cruz. A sua «estratégia» de paz não é o pacifismo, mas a concretização de um amor que «é mais forte que a morte». É com o poder da cruz que Francisco de Assis vai ao encontro do lobo, a síntese de todo o medo de Gúbio.

2.3 Muito tempo antes de defrontar-se com o lobo de Gúbio, armado com a cruz, Francisco tinha erguido a mesma cruz sobre a cabeça de seus irmãos na Porciúncula. A Sagrada Escritura descreve a idade messiânica como um período de excepcional paz. Francisco decidiu criar semelhante "nova Jerusalém" em Santa Maria dos Anjos. Exortou seus irmãos à oração intensa, à comunhão sincera em fraternidade e a carregar mutuamente o peso uns dos outros. Podemos observar como o respeito recíproco, especialmente no falar, manifestava-se fortemente na vida deles. A um frade culpado de detração foi imposto que pedisse o perdão de sua falta e recitasse os Louvores a Deus em alta voz, de tal modo que todos o pudessem escutar (*O Espelho da Perfeição*, 82). Este esforço para construir a paz evangélica significou que Francisco tinha abraçado a Cruz. Semelhante esforço não poderia ajudar a explicar seu discurso sobre "*a Perfeita Alegria*"? Valia a pena aceitá-lo! Desta maneira Francisco tornou-se apto em possuir a força da unidade fraterna e da paz evangélica quando, «*juntamente com seus irmãos*», foi ao encontro do lobo de Gúbio.



São Francisco, fazendo o sinal da santa cruz, saiu da cidade e foi encontro do lobo...



... o lobo foi ao encontro de São Francisco com a boca aberta.....



«Vem cá, irmão lobo, ordeno-te da parte de Cristo que não faças mal nem a mim nem a ninguém».... Imediatamente, o terrível lobo fechou a boca... cessou de correr... e veio aos pés de Francisco como um cordeiro....



«Irmão Lobo, quero que me dê a prova desta promessa...»  
O lobo levantou o pé direito da frente e o pôs sobre a mão de São Francisco.... e houve tanta alegria e admiração em todo o povo que começou louvar e bendizer a Deus....

## ⇒ Dissipar o medo

3.1 A Cruz e a Fraternidade decidem o resultado: «*Vem cá, irmão lobo, ordeno-te da parte de Cristo que não faças mal nem a mim nem a ninguém*» (Idem).

3.2 Francisco manifestou ao lobo a verdade com amor, explicando-lhe que seu grande ódio e sua violência destruía «*as criaturas de Deus*» e «*matava os homens, feitos à imagem de Deus*» (ibidem). Francisco não minimiza os crimes do lobo contra o povo da cidade.

3.3 Francisco revelou com amor a verdade aos habitantes de Gúbio. Pediu-lhes que refletissem como o ambiente social da cidade contribuiu com a violenta ação do lobo: «*... por causa dos pecados Deus permite tais pestilências...*» (ibidem).

## Aprendamos de Francisco

4.1 As vítimas de Oklahoma City foram anônimas e atingidas casualmente. Mas o agressor não era anônimo. Se os relatórios da polícia foram corretos, ele se chamava "Timothy", e seus cúmplices, "Terry" e "James". O ódio que os impulsionou era conhecido por outras pessoas, embora nem ousassem pensar que se chegaria a tal ponto. Por isso, se a vigilância dos policiais não conseguiu proteger as vítimas, talvez as palavras «*Vem cá, irmão "Timothy"! Ordeno-te da parte de Cristo....*» (ibidem) poderiam ter transformado esse criminoso.

4.2 A Cruz de Cristo e a autêntica fraternidade não poderiam suscitar em um capuchinho a compaixão, a coragem e a coerência de pronunciar tais palavras? Jamais conseguiremos remover o ódio e a violência que nos circundam se não iniciarmos na vida interna de nossas fraternidades locais e provinciais. Muito freqüentemente permitimos ao «lobo» de viver em nosso meio: agressões passivas, denúncias violentas, abusos de álcool e de drogas, racismos, abusos sexuais e menosprezos sarcásticos. Os nossos irmãos não poderão ser curados e nem aprender novas modalidades de enfrentar a vida se as nossas fraternidades não forem um porto honesto e seguro onde poderão abrir o seu coração.

4.3 Freqüentemente refletimos e discutimos sobre as causas da violência no nosso mundo: pobreza, alienação, discriminação, prejuízos psíquicos e físicos..., as causas podem ser infinitas. Estes estudos nos ajudam a compreender e a suscitar em nós a compaixão. No entanto, somente a Cruz de Cristo e a autêntica fraternidade podem dar-nos a coragem e a força de atingir as profundas raízes do sofrimento de um *Timothy*, de um *James* ou de um *Terry* (cfr. *Const.* 99, 1-3).

4.4 Nossas fraternidades devem transformar-se em «*escolas de paz*» (*Const.* 3,1) onde a raiva, que partilhamos com um mundo ferido, encontra a compaixão e um porto seguro que permite de dissipar-se como a raiva do lobo se dissipou diante do amor decidido mas amoroso de Francisco de Assis. Santa Maria dos Anjos constitui para nós uma certeza que semelhante «*escola de paz*» será um farol de paz messiânica que atingirá o coração do irmão e da irmã feridos e que permitirá o florescimento da paz em nosso mundo.

4.5 Na entrada da igreja de nosso convento de Nossa Senhora de Fátima em Brasília existe um mastro da paz. Nele está escrito, em quatro línguas, «*Que a paz prevaleça sobre a terra*». Irmãos, peço que esta paz seja, antes de tudo, vivida e ocupe o primeiro lugar em nossas fraternidades e Províncias, para depois extravasar nosso ambiente fraterno e encher o mundo. O primeiro santo da reforma capuchinha —S. Félix de Cantalício— foi um frade que, sem dúvida, viveu esta realidade quando caminhava pelas estradas de Roma, falando de paz enquanto, de maneira simples e alegre, acolhia as pessoas. A sua vida se transforme em inspiração para nossos esforços a fim de que a paz prevaleça sobre a terra.

Brasília (Brasil), 18 de maio de 1995,  
festa de São Félix de Cantalício.

Fraternalmente,



*F. J. Corriveau*

*Frei John Corriveau, OFM Cap.*  
Ministro geral



«Irmão lobo, tu fazes muitos danos nesta terra,  
matando as criaturas de Deus e os homens...  
toda gente grita e murmura contra ti...  
mas eu quero fazer a paz entre ti e eles...  
tu não mais os ofenderás e eles te perdoarão  
as ofensas passadas...  
nem os homens nem cães te perseguirão mais...»

# PARA UMA PARTILHA DE FÉ SOBRE A HISTÓRIA DE GÚBIO

(Esquema de celebração - «ad libitum»)

## Preparação

Ler a história de Gúbio, antes com a mente, em seguida com o coração, suplicando a inspiração do Espírito Santo. Existe uma história de Gúbio em sua vida? Existe um «lobo» em sua comunidade ou Província? Existe um «lobo» dentro de mim?

*Leituras do Novo Testamento:* MT 5, 21-26, 43-47; Mc 11, 25; Lc 6,27-36; 23, 24a

## Partilha fraterna

1. *Introdução e oração* - Um membro da fraternidade abre o encontro indicando brevemente como proceder na partilha de fé (por ex., partilhar em espírito de fé, escutar sem entrar em discussões sobre o comentário dos irmãos, etc.). Juntos rezar o "Veni Creator Spiritus".

2. *História de Gúbio (Fioretti, XXI)* - Ler a história de Gúbio (ou parte da mesma) em voz alta.

- Pausa de silêncio
- Convite à partilha.

## Perguntas para a reflexão

1. Você casualmente tornou-se objeto de violência para pessoas (ou alguém que estima)? Por exemplo, você foi assaltado, agredido, etc.? Tais fatos, que efeitos produziram em você?

2. Existe uma história de Gúbio em sua vida? Sente-se à vontade de manifestar ao grupo todo o acontecido ou parte do mesmo?

3. Onde se situa o lobo de Gúbio em nossa particular situação? Podemos pacificar-nos com ele?

## Oração de conclusão

- Oração espontânea individual (para quem desejar fazê-la)
- Pai Nosso.

- *Presidente* - «Pai nosso que estais nos céus, transforma-nos à assemelhança de teu filho e aprofunda em nós a sua vida. Faze de nós os testemunhas da alegria evangélica em um mundo de paz frágil e das promessas não mantidas. Sensibiliza os corações dos homens com o teu amor de maneira que todos aprendamos a amar-nos e a perdoar-nos e encontremos a verdadeira paz. Tudo isto pedimos através de Cristo, nosso irmão. Amém».

E o lobo viveu dois anos em Gúbio...  
entrava pelas casas de porta em porta,  
sem fazer mal a ninguém...  
foi nutrido cortesmente pela gente...  
finalmente, morreu de velhice...  
e o povo se entristeceu porque,  
vendo-o, lembravam a virtude e  
a santidade de S. Francisco

